



**Nico e Iñaki: os bascos negros e o futebol como nacionalismo
(PT)**

Niko y Iñaki: los vascos negros y el fútbol como nacionalismo (ES)

E6_08 - Habitat, cultura e representações

Rafael Nardini
Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Espanha
rafael.nardini@autonoma.cat

Resumo: O artigo analisa a relação entre futebol, nacionalismo e raça no contexto do País Basco a partir das trajetórias de Nico e Iñaki Williams, jogadores negros do Athletic Bilbao. Partindo da singular política do clube, que privilegia atletas formados ou vinculados ao território basco, o estudo discute como o futebol se constitui como um espaço simbólico central na produção e reafirmação do nacionalismo basco contemporâneo. Ao mesmo tempo, investiga as tensões raciais que emergem quando corpos negros passam a ocupar posições de destaque em um imaginário historicamente associado à homogeneidade étnica. O artigo examina episódios de racismo dirigidos aos jogadores, tanto por torcidas adversárias quanto em debates públicos, evidenciando contradições entre o discurso inclusivo do nacionalismo cívico e práticas excludentes persistentes. A partir de uma abordagem qualitativa, baseada em análise midiática e discursiva, argumenta-se que Nico e Iñaki Williams tornam-se figuras centrais para repensar a identidade basca no século XXI. O futebol, nesse sentido, opera simultaneamente como ferramenta de resistência cultural, espaço de disputa simbólica e arena onde se renegociam pertencimento, identidade e cidadania em uma sociedade marcada por transformações demográficas e culturais.

Palavras-chave: nacionalismo, futebol, racismo, País Basco, Athletic Bilbao.

Resumen: El artículo examina la articulación entre fútbol, nacionalismo y racismo en el País Vasco a través de las trayectorias de Nico e Iñaki Williams, futbolistas negros del Athletic Club de Bilbao. A partir de la política singular del club, basada en la incorporación de jugadores vinculados al territorio vasco, el estudio analiza cómo el fútbol funciona como un dispositivo central en la construcción y reproducción del nacionalismo vasco contemporáneo. Al mismo tiempo, se abordan las tensiones raciales que surgen cuando jugadores negros adquieren visibilidad y protagonismo en un imaginario tradicionalmente asociado a una identidad étnica homogénea. El artículo analiza episodios de racismo y controversias públicas en torno a los hermanos Williams, revelando contradicciones entre los discursos inclusivos del nacionalismo cívico y prácticas sociales excluyentes. Mediante un enfoque cualitativo, apoyado en el análisis discursivo y mediático, se sostiene que Nico e Iñaki Williams encarnan un punto de inflexión en la redefinición de la identidad vasca en el siglo XXI. El fútbol aparece así como un espacio de disputa simbólica donde se renegocian las nociones de pertenencia, identidad y nación en un contexto de creciente diversidad social y cultural.

Palabras-clave: nacionalismos, fútbol, racismo, País Vasco, Athletic Bilbao.

O racismo e a xenofobia não precisam do futebol para existir. Mas têm no esporte-rei um aliado sempre que necessário. Um jogo ruim, um pênalti mal cobrado, uma eliminação. Muitas vezes, nada disso é necessário para que os insultos comecem nas arquibancadas e nas redes sociais. Foi o que aconteceu quando o inglês Marcus Rashford perdeu um pênalti na final da Eurocopa contra a Itália, em Wembley, em 2021. Tem acontecido com bastante constância com o brasileiro Vinícius Júnior, atacante do Real Madrid. E aconteceu no estádio San Mamés, *La Catedral*, em Bilbao, na noite de 4 de abril de 2023, no segundo jogo válido pelas semifinais da Copa del Rey, na Espanha. Naquela partida, o Athletic Club, a equipe local, acabou eliminada pelo Osasuna num jogo que terminou em 1-1.

“Nico Williams foi um dos protagonistas do segundo jogo da semifinal entre Athletic e Osasuna. E não precisamente de maneira positiva. O jogador rojiblanco teve em suas chuteiras a oportunidade de marcar, mas perdeu duas chances claras. Erros do caçula Williams que condenaram os leões, que ficam sem a final da Copa. Os torcedores do Athletic não perdoaram as falhas de Nico e assim o expuseram nas redes sociais. Eles duvidam da qualidade do jogador, cujo faro de gol, dizem, é quase nulo. O jovem jogador do Athletic havia marcado seu último gol em fevereiro. Nico perdeu duas chances de gol que muitos achavam que ele iria converter. Na primeira delas, ele chutou com força em vez de colocar a bola no canto, e ela foi para a arquibancada. Na segunda, ele optou por chutar com força e a bola passou por cima do gol. Dois erros que foram decisivos. Foi seu irmão quem tentou animá-lo¹”.

Naquele mês de abril de 2023, a vítima dos discursos de ódio foi Nicolás Williams, um atleta da equipe de Bilbao, que é basco, mas também afrodescendente. Os insultos, que não são necessários enumerá-los todos aqui, foram devido à cor da pele do jovem atleta de 20 anos, mas também devido à própria condição do Athletic Club: o estatuto estabelece que apenas bascos podem representar a equipe Vizcaína. Exatamente como aconteceu com o inglês Rashford, bastou um jogo desastroso de um atleta negro europeu para que o discurso racista e xenófobo explodisse violentamente. Um dia após a partida, Nico se viu obrigado a fechar suas contas nas redes sociais. A avalanche de ofensas foi tanta que até mesmo o clube que ele defende não viu outra saída a não ser tentar interferir e pedir para a onda de ódio racial parasse: “Nem tudo vale”².

Até novembro de 2022, Nico Williams jurava nunca ter sido vítima de agressões por causa de sua nacionalidade ou da cor de sua pele. Questionado pelo jornal Marca se alguma vez havia sido vítima de racismo, ele negou. “Felizmente, não. Mas já vi meu irmão um pouco incomodado com isso. Acho que são coisas do futebol e espero que essas pessoas pensem e reflitam sobre o que fazem e que isso acabe”³. O próprio jovem atleta não parecia compreender a magnitude do problema, à altura representando as cores da seleção espanhola em sua primeira participação em uma Copa do Mundo. “Sim, acho que aqui há pessoas muito boas. Os racistas são grupos muito

¹ VERGARA, Bruno. *Nico Williams borra sus redes sociales tras los insultos recibidos por sus fallos*. AUPA ATHLETIC, Bilbao, 5 de abril 2023, Disponível em: <https://www.aupaathletic.com/nico-williams-borra-sus-redes-sociales-tras-los-insultos-recibidos-por-sus-fallos/noticia/15822>. Acesso em: 28 de jan. de 2026.

² GÓMES, Verónica. *No todo vale: el Athletic denuncia los ataques en redes sociales a Nico Williams tras sus fallos contra Osasuna*. CADENA SER, Bilbao, 5 de abril de 2023, Disponível em: <https://cadenaser.com/euskadi/2023/04/05/no-todo-vale-el-athletic-denuncia-los-ataques-en-redes-sociales-a-nico-williams-tras-sus-fallos-contr-osasuna-radio-bilbao/>. Acesso em: 28 de jan. de 2026.

³ LARA, Miguel Ángel. *Nico Williams: Nadie nace racista, es una cuestión de educación*. MARCA, Qatar, 21 de set. de 2022, Disponível em: <https://www.marca.com/futbol/seleccion/2022/09/21/632a03ab268e3e91178b456e.html>. Acesso em: 28 de jan. de 2026.

pequenos que precisam ser erradicados. Em geral, as pessoas são muito boas e ajudam muito aqueles que vêm de fora”⁴.

As particularidades do Athletic Club abrem a possibilidade de debater sobre o nacionalismo basco e suas nuances étnicas e cívicas. Nico, assim como seu irmão, Iñaki Williams, também atacante dos *leones*, nasceu na região que é conhecida como País Basco. Nico e Iñaki trilharam um caminho mais estreito do que todos os seus companheiros de equipe. No entanto, do ponto de vista do nacionalismo cívico adotado pelo clube que os irmãos jogam desde a infância, não lhes falta nada. Eles nasceram bascos, viveram com e como bascos e participam da sociedade bascos desde sempre.

“Os irmãos são filhos de um casal de imigrantes ganeses que chegou à Espanha através de Melilla, se estabelecendo primeiro em Bilbao, onde Iñaki nasceu, e depois mudando-se para Pamplona. [...] Nico, estabelecido com sua família em Bilbao, foi questionado sobre suas raízes, já que nasceu em Pamplona quando sua família estava tentando se estabelecer após chegar de Gana. ‘Você é de Pamplona ou de Bilbao?’, questionou o jornalista Joseba Larrañaga durante a conversa. “Sou uma mistura dos dois, pode-se dizer”⁵.

Um pouco mais velho que Nico, Iñaki sempre pareceu muito consciente de sua posição como basco negro e revelou seu desejo de ampliar as possibilidades do que é ser basco, especificamente para incluir os negros. “Sinto-me basco”⁶, disse ele em uma entrevista logo após marcar seu primeiro gol em 2015, quando tinha 20 anos, “mas uma parte de mim é africana”. E continuou: “Nasci aqui. Moro aqui há vinte anos, mas não se esquece suas origens, suas raízes. Meus pais nasceram em Gana, e sinto que toda a minha família está lá”⁷. Ao reivindicar tanto a basquidade quanto a africanidade, Williams argumenta implicitamente que essas duas identidades não são, de fato, mutuamente exclusivas e, mais importante, que ele tem o mesmo direito à ambas. Uma cena reveladora do filme “*Los Williams*” mostra Iñaki e seu irmão mais novo, Nico, discutindo sobre suas identidades, na verdade, sobre se são navarros ou bilbaínos. “Bilbaíno, vizcaíno ou navarro?”⁸, pergunta Iñaki. Seu irmão responde que ele “nasceu em Navarra, e pronto... eu sou navarro”⁹.

Euskera “zero”

Se o critério de nascimento está mais do que cumprido, outro, muitas vezes igualmente importante para a cultura basca e a integração na sociedade que se divide entre Espanha e França, a língua local, já havia chamado a atenção de parte da torcida do Athletic. Durante sua estadia no Catar por ocasião da Copa do Mundo, em entrevista concedida ao Marca, Nico reconheceu que seu euskera, a língua autóctone do povo basco, não estava nada bom. “Nível de euskera? Zero”¹⁰. O

⁴ (LARA, 2022).

⁵ FIUZA, Gorka. *Nico Williams: Soy una mezcla entre pamplonés y bilbaíno*. DIARIO DE NAVARRA, Pamplona, 15 de nov. 2022. Disponível em: <https://www.diariodenavarra.es/noticias/deportes/futbol/2022/11/15/nico-williams-mezcla-pamplones-bilbaino-548497-1022.html>. Acesso em: 28 de jan. de 2023.

⁶ (FIUZA, 2022).

⁷ (FIUZA, 2022).

⁸ *Los Williams*, 2004.

⁹ *Los Williams*, 2004.

¹⁰ (FIUZA, 2022)

jogador do Athletic de Bilbao dizia abertamente que não falava euskera e não parecia ter qualquer intenção de aprendê-lo, conforme deixou transparecer em uma entrevista ao jornal ‘Marca’ às vésperas da Copa do Mundo de 2022. A resposta do atacante do Athletic provocou uma enxurrada de reações nas redes sociais”. A declaração do ponta-esquerda negro pareceu desastrosa para alguns, mas também foi minimizada por outros. “Eles riem de nós”, “Essa é a filosofia do Athletic?”, foram algumas das respostas mais moderadas registradas no vídeo. As mais pesadas carregavam as tintas no racismo. Outros torcedores rojiblanco mostraram-se solidários na caixa de comentários online: “Qual é o problema?”, ressaltando que o Williams caçula pecou por pura imaturidade durante entrevista.

No Estatuto de Autonomia do País Basco de 1979, ou Estatuto de Guernica, não há referência à etnia nem à língua como elementos essenciais para a inclusão no País Basco, conta-nos Sam Orenstein no artigo “Ganar Local: La política cantera del Athletic Club y la construcción de lo vasco”¹¹. Para ele, “a introdução de Iñaki Williams no Athletic tinha impactos significativos nas relações de raça no País Vasco”¹².

O estatuto citado por Orenstein foi também um ponto de inflexão para o Athletic e a eventual inclusão de jogadores que não haviam sido incluídos anteriormente entre os elegíveis de jogar pela equipe do País Basco. Para Orenstein, não apenas os estatutos e os documentos governamentais da região incluíram o Athletic e as suas políticas de recrutamento, mas também o Athletic e suas idiossincrasias formam e influenciam a definição do que é ser basco.

O nacionalismo basco promove a língua, mas não consegue ter o caráter aglutinador que o nacionalismo catalão, por exemplo, consegue. De acordo com Julen Zabalo, autor do artigo “O nacionalismo catalão é realmente cívico e o basco étnico?”¹³, o nacionalismo basco busca na etnia e na raça o principal fator de coesão da nação basca. “E só na década de 1950 é que a língua passa a ser o novo símbolo principal da nação basca”¹⁴.

“No nacionalismo basco existem, portanto, várias propostas teóricas sobre o fundamento da nação basca. Resumidamente, e ao longo do tempo, podem-se diferenciar as seguintes: em primeiro lugar, surge um nacionalismo racial, da mão de seu fundador, Sabino Arana. Diante das dificuldades práticas que essa abordagem acarretava, logo começa a se desenvolver um nacionalismo racial-territorial, no qual a raça continua ocupando, em um plano simbólico, o papel preponderante como elemento constitutivo da nação basca, mas, na prática, muitas vezes é superado por uma abordagem mais política”¹⁵.

¹¹ ORENSTEIN, Sam. *Ganar Local: La política cantera del Athletic Club y la construcción de lo vasco*. Waterville: Colby College, 2021.

¹² (ORENSTEIN, 2021)

¹³ ZABALO, Julen. *¿Es realmente cívico el nacionalismo catalán y étnico el vasco?* Bilbao: Universidad del País Vasco, 2004.

¹⁴ (ZABALO, 2004)

¹⁵ (ZABALO, 2004)

A superação da raça como “eixo principal da nação começa a concretizar-se na década de 1950”¹⁶ pela mão “do nacionalismo basco de esquerda”¹⁷. Começaria então, na década de 1950, a ênfase na língua como símbolo do centro da nação basca.

“A estas principais propostas que surgiram no nacionalismo basco, poderíamos acrescentar, finalmente, uma variedade puramente territorial, formulada de forma isolada e sem o apoio, ainda, de nenhuma força política. De qualquer forma, hoje em dia, a opção linguístico-territorial continua a ser a predominante no nacionalismo basco”.

Em geral, a política do que seria basco para o Athletic seguiu a evolução da própria sociedade basca e seus estatutos autonômicos. Às vezes mais ampla, às vezes mais restritiva. Orenstein nos diz: “Apesar da caracterização dos bascos como únicos e excepcionais, os nacionalistas têm apoiado uma abordagem aberta e aceitando imigrantes na região nos últimos anos”¹⁸.

Em seu artigo, “Imigrantes e a nação basca: a diversidade como um novo marcador de identidade”, Sanjay Jeram discute esse fenômeno e também analisa a evolução do Partido Nacional Vasco (PNV) e suas atitudes em relação à imigração desde sua fundação até hoje. Jeram sugere que, com a implementação de políticas que ofereçam incentivos legais e socioeconômicos, o governo basco tem incentivado a imigração para a região. “Essa atitude nem sempre foi popular e, assim como as políticas do Athletic evoluíram ao longo do século XX, as atitudes em relação à imigração no País Basco também evoluíram”¹⁹.

Este debate não é uma novidade histórica. A cidade de Bilbao atraiu muitos imigrantes ao longo do século XX. Isso é visível na própria história - e até no nome - do Athletic, criado por imigrantes e jogadores ingleses como denota a maioria dos sobrenomes do elenco na época da fundação do time, em 1898. No artigo “Somos diferentes ou estamos loucos? Os duplos laços do futebol e da identidade em Bilbao”²⁰, a antropóloga Mariann Vaczi aborda a basquidade de Iñaki Williams e as contradições que aparecem na sociedade local.

“Mas Williams é um homem negro e a enorme fascinação produzida pelo seu caso mostra a perdurabilidade das categorias raciais. O zelo com que se defendeu na mídia a “basquidade” de Williams, seja por seu nascimento, seja por ter pertencido à *cantera*, juntamente com suas contínuas classificações de “diamante negro”, “pérola negra” ou “estrela negra”, acabaram por confirmar definitivamente a posição de Williams fora de uma normalidade normativa. A 'agressiva cegueira à

¹⁶ (ZABALO, 2004)

¹⁷ (ORENSTEIN, 2021)

¹⁸ (ORENSTEIN, 2021)

¹⁹ JERAM, Sanjay. *Looking forward into the past: Partido Nacionalista Vasco and the immigrant question in the Basque Country*. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 41, n. 10, p. 123–145, 2015. DOI: 10.1080/1369183X.2015.1082289

²⁰ VACZI, Mariann. *¿Somos distintos o estamos locos? Los dobles vínculos del fútbol y la identidad en Bilbao*. Reno: Universidad de Nevada, 2020.

cor” dos meios de comunicação era “em última análise, outra forma de alteridade’, de estranhamento”²¹.

Vaczi continua, sobre as contradições do Athletic e seus atletas bascos, não tão bascos ou insuficientemente bascos.

“De qualquer forma, tais debates sobre etnia, raça e identidade são muito desejáveis, e a posição do Athletic Club é um catalisador único entre os outros cenários culturais do País Basco (MacClancy, 1996; Walton, 2011). Há mais de um século, quando novos jogadores surgem na órbita do time, os bilbaínos debatem não apenas as qualidades do jogador, mas também sua árvore genealógica. Ele é basco? Ele é suficientemente basco? Mas o que é um basco? Desde Higinio Ortuzar Santamaría e Cândido Gardoy Martín na equipe imediatamente após a Guerra Civil; a Chus Pereda e Miguel Jones na década de 1960; os irmãos Manolo e Lázaro Sarabia na década de 1970; Bixente Lizarazu na década de 1990; Diego Forlán e Ander Herrera na década de 2000; e até, é claro, Williams na década de 2010, o Athletic contribuiu amplamente para as definições do que significa ser “basco” e “local” e o que não significa (Vaczi, 2015). Em Bilbao, uma nova contratação é sempre mais do que uma contratação; pode se tornar um ato simbólico de reterritorialização nacional.”²².

O Athletic continua sendo uma exceção extraordinária no futebol globalizado e em um momento em que a cultura regionalista perde espaço. Como demonstram as redes sociais, parte da torcida basca teme que Nico se canse dos insultos e decida aceitar alguma das muitas ofertas que recebe a cada nova janela de transferências no futebol europeu. No momento, permanece para o atleta a possibilidade de uma espécie de dupla realidade. Enquanto jogar bem, Nico Williams será considerado basco e um prodígio na história como o segundo atleta negro do tradicional time *rojiblanco*, tendo a sua frente somente o próprio irmão, Iñaki. Até que uma partida ruim, uma eliminação traumática ou qualquer atitude que não soe basca o bastante e instale uma nova crise.

²¹ (VACZI, 2020)

²² (VACZI, 2020)